



Sabará assume
gestão da Rede
Colaborativa
PÁGINA 6



Prêmio
ArcelorMittal
de Meio
Ambiente reúne
vencedores
PÁGINA 3



Goialenses
abraçam
programas
da Fundação
PÁGINA 7

Nota10

Ano 10 • número 38
novembro/dezembro de 2010
Publicação trimestral da
Fundação ArcelorMittal Brasil

JOVEM, VOZ E VEZ

O Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas) completa 10 anos de atuação nos municípios de influência da ArcelorMittal Brasil. Fundamentada no princípio do protagonismo juvenil, iniciativa está disseminada em escolas, centros de saúde e de promoção social e até em batalhões policiais.

Páginas 4 e 5

Jovens participantes do
Peas: desenvolvimento
da autoestima e do
protagonismo



RELEVÂNCIA PÚBLICA

Uma gratificante sensação de dever cumprido emerge quando um programa da Fundação ArcelorMittal Brasil se transforma em política pública. Esta edição do Nota 10 relata dois exemplos de iniciativas que alcançaram esse status. Um é o Programa de Educação Afetivo-Sexual (Peas), que completou 10 anos, e hoje está consolidado como política pública em vários lugares, além de ser aplicado como medida socioeducativa e até como instrumento para melhorar o relacionamento da polícia com a juventude.

Outro exemplo é a Rede Colaborativa de Sabará, experiência rara no Brasil de reunião de esforços entre município, iniciativa privada e terceiro setor para a melhoria das condições de vida de crianças e adolescentes. A Rede passará a ter a Prefeitura local como gestora, o que deverá aumentar ainda mais a articulação entre as instituições que a compõem.

Já outros programas, embora sem status de política governamental, também são movidos pelo interesse público. Como o Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente, que exerce papel decisivo na formação de uma nova consciência planetária, e acaba de reconhecer os vencedores da edição de 2010.

Pensando bem, ainda mais importante do que ser política pública é ter relevância pública. E aí não há como negar que essa condição é apresentada por todos os programas da Fundação.

>> EDUCAÇÃO

Unidos pela inclusão

Discutir casos bem-sucedidos, formar professores, estimular o aprendizado e criar uma rede de troca de experiências sobre a inclusão. Esses são os principais objetivos do seminário de encerramento das atividades do projeto *Educar na Diversidade*, realizado no dia 3 de dezembro, em Belo Horizonte. Participaram cerca de 180 educadores e representantes da Fundação ArcelorMittal Brasil, da Apae Contagem e das prefeituras de Piracicaba, João Monlevade e Contagem.

“São momentos como esse que permitem a realização de balanços de nossas atividades e a solidificação do conhecimento adquirido por parte dos professores”, afirma Cristina Abranches, superintendente da Apae Contagem. Criado em 2008, o *Educar na Diversidade* oferece cursos de capacitação para educadores, nos quais são discutidas práticas pedagógicas para inclusão escolar de alunos com deficiência mental. Após o término dos cursos, começa o trabalho de formação continuada, em que são discutidos casos específicos e resultados.

Para Júnia Mara Alves, pedagoga da rede municipal de João Monlevade, o curso ajuda a entender o processo de inclusão como algo que vai além de simplesmente colocar a criança com deficiência na escola. “Os debates ampliaram nossas percepções, trazendo um olhar mais sensível e pensante”, afirma.

Ana Lúcia Scagnolato, coordenadora de programas sociais da ArcelorMittal Piracicaba, destaca que o projeto oferece mais segurança ao educador: “É fundamental que ele se sinta mais preparado para fazer a inclusão de um modo mais natural”. Só em Piracicaba, onde a iniciativa começou este ano, já foram formados 30 educadores, que trabalham com duas mil crianças de 90 escolas da rede municipal.

Para o gestor de políticas públicas da Prefeitura de Contagem, Marcelo Lino, o projeto é motivo de orgulho para a cidade e a tendência é que essa parceria entre prefeituras, ArcelorMittal e Apae renda mais frutos. “Com certeza, as maiores beneficiadas serão as crianças, que terão garantia de um atendimento qualificado nas escolas”, afirma Marcelo.

ARQUIVO FUNDAÇÃO ARCELORMITTAL BRASIL



Cerca de 180 pessoas trocaram experiências sobre inclusão na escola

UMA TURMA DE VALOR

Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente reconhece os melhores trabalhos da edição de 2010

“Eu, você e o presente da natureza”. Inspirados nesse tema, mais de 307 mil crianças e adolescentes participaram da 19ª edição do Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente, que este ano trabalhou conceitos como diversidade, valores e identidade para discutir a relação do jovem com o ambiente que o cerca.

A cerimônia de premiação aconteceu no dia 26 de novembro, em Belo Horizonte. “Fiquei muito feliz com o prêmio, não esperava vencer”, afirmou a sorridente estudante Karoline Dantas, que ficou em primeiro lugar na categoria “Filho de empregado – 6º e 7º anos”, com texto sobre sua relação com as árvores.

Os alunos do 1º ao 5º anos participaram com desenhos. Diogo Caldeira Gomes, 8 anos, fez uma ilustração baseada nas matas e no sol e encheu o pai de orgulho. “É uma emoção

muito grande ver o desenvolvimento do nosso filho”, afirmou Maurício Ferreira Gomes, da ArcelorMittal Monlevade.

Jonathan Santos também é autor de um dos desenhos vencedores, inspirado nos manguezais de sua cidade, Cariacica (ES). “Desenhei a lagoa, os caranguejos e as garças”, detalha Jonathan.

José Jorge Dib, pai de Lúlia Pereira Dib, vencedora da categoria “Escola – 6º e 7º anos”, elogiou a iniciativa da Fundação ArcelorMittal Brasil: “O prêmio é um incentivo importante para a criança pensar o meio ambiente”.

Escola também ganha

Além dos estudantes, o Prêmio reconheceu as escolas que desenvolveram os melhores projetos. Entre elas, a Municipal Dona Leontina de Oliveira, de Iracemápolis (SP), que participou com um projeto de resgate da história da cidade. “Nosso objetivo era construir uma ponte com o passado. Fizemos, inclusive, um documentário retratando como eram as escolas e as brincadeiras da época”, disse a diretora Gesiele Dibbern Buoro.

Já a Associação Monlevadense de Ensino Cooperativo (Amec), que participa do Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente desde 2007, levou o troféu pela terceira vez. O projeto desenvolvido, “Eu, você, nós e o nosso”, trabalhou valores importantes para as crianças e a cidade. “Ganhar novamente o prêmio foi uma emoção muito grande para os alunos e para a equipe da escola. Queremos transformar em realidade tudo o que projetamos”, afirmou a diretora Beatriz de Carvalho Mizerani.



Vencedores da edição de 2010 se inspiraram no patrimônio ambiental de suas cidades para preparar textos e desenhos

CONFIRA OS VENCEDORES DA EDIÇÃO 2010

Categoria Escola

- 1º e 2º anos: Thiago Henrique Dutra – Sabará (MG)
- 3º a 5º anos: Jonathan Santos Dias – Cariacica (ES)
- 6º e 7º anos: Lúlia Maria Pereira Dib – Sabará (MG)
- 8º e 9º anos: Luzia Ribeiro de Aguiar Martins – Contagem (MG)

Categoria Filho de Empregado

- 1º e 2º anos: Diogo Caldeira Gomes – Monlevade (MG)
- 3º a 5º anos: Rafaela Caldas de Moraes – Juiz de Fora (MG)
- 6º e 7º anos: Karoline de Góes Dantas – Piracicaba (SP)
- 8º e 9º anos: Bianca Ferreira Roque Fidelis – São José do Goiabal (MG)

Projeto Escola

- “Nossa história ontem, nossas atitudes hoje, um futuro melhor amanhã” – Escola Municipal Dona Leontina de Oliveira (Iracemápolis)
- “Eu e você, planejando um futuro melhor” – Escola Municipal Prof. Rosalina Alves Nogueira (Sabará)
- “Eu, você, nós e o nosso!” – Associação Monlevadense de Ensino Cooperativo – Amec (Monlevade)

PASSAPORTE PARA O PROTAGONISMO

Nos últimos dez anos, o Peas se consolidou como instrumento de valorização da juventude

Ele cresceu, apareceu e gerou frutos, muitos frutos. Criado para sistematizar a educação sexual nas escolas públicas, o Programa de Educação Afetivo-Sexual foi muito além de sua proposta inicial. Desenvolvida há 10 anos pela Fundação ArcelorMittal Brasil, a iniciativa, consolidada em oito municípios de atuação da Empresa, ganhou status de política pública em muitos lugares, virou medida socioeducativa em outros, tem sua metodologia adotada em centros de saúde, de promoção social e até em batalhões policiais e unidades que combatem a violência urbana.

Essa história começou em 1992, quando a Fundação Odebrecht criou um concurso para premiar boas práticas educacionais desenvolvidas com adolescentes. Oito anos depois, o Programa foi abraçado pela Fundação ArcelorMittal Brasil, que passou a desenvolvê-lo nos municípios de operação da Empresa.

Márcia Campos, diretora do Instituto Aliança e uma das responsáveis por ajudar a Fundação a implantar o Peas, lembra que o ponto de partida foi a estruturação de um protocolo de ações e intenções para a aplicação do Programa. "Foi o passaporte para transformar o Peas em uma ferramenta de estímulo para adolescentes discutirem temas relacionados à sexualidade visando à formação de jovens mais conscientes, atuantes e com comportamento seguro", analisa.



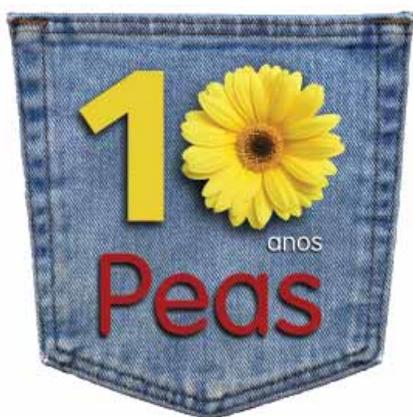
Feito pelos jovens

A metodologia do programa envolve quatro etapas: diagnóstico local, capacitação de educadores, transferência aos adolescentes e acompanhamento e avaliação. Suas ações buscam reduzir a vulnerabilidade dos adolescentes à infecção de doenças sexualmente transmissíveis, diminuir os índices de gravidez não planejada, de violência e de uso de drogas e incentivar o protagonismo juvenil, o desenvolvimento pessoal, social e produtivo. Até 2009, 1.740 educadores já haviam sido capacitados e cerca de 84 mil jovens, beneficiados.

De fácil assimilação e replicação nos ambientes de formação frequentados por adolescentes, a metodologia do Peas vem se desdobrando ao longo do tempo em uma série de atividades práticas desenvolvidas pelos próprios jovens. Programas, jornais escolares e peças de teatro provocam a reflexão sobre os temas e suas soluções, além de contribuírem para o desenvolvimento da autoestima dos adolescentes.

“A partir do programa, é possível perceber mudanças significativas de comportamento dos participantes, que se transformam em agentes de prevenção da violência, do uso de drogas, de doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada”, explica Heloísa Andrade, coordenadora dos Programas de Medicina e Odontologia Preventiva da Abeb e uma das idealizadoras do Peas.

Esses resultados só foram alcançados por causa de uma característica bem particular do programa, analisa a gerente de Educação da Fundação, Zulmira Braga: “Ele não é feito para os jovens, é feito pelos jovens. Isso significa que a participação deles é fundamental em todas as etapas, da sensibilização à avaliação”.



Jovens em atividade do Peas: envolvimento em todas as etapas do Programa

MUITO ALÉM DA SALA DE AULA

A Escola Municipal Governador Israel Pinheiro, em João Monlevade, trabalha a questão afetivo-sexual entre seus estudantes há quatro anos. “No início, tivemos uma participação tímida, discreta, mas após um tempo o Peas começou a chamar a atenção das crianças e a fazer sucesso na Escola. Hoje chegamos a reunir 200 pessoas em cada oficina”, conta a diretora Mônica Parente.

Em maio, os estudantes dos 8º e 9º anos se reuniram e, por meio do Grupo Teatral Ação e Arte, montaram a peça Alice no País do ECA, que explica os direitos e os deveres instituídos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

“Alcançamos um retorno muito positivo entre os alunos, que se interessam mais pelo tema ao verem seus próprios colegas se apresentando. Isso também contagia as famílias que passam a participar ativamente das atividades na Escola”, destaca Mônica.

Jovens de Santos Dumont também levam a metodologia do Peas para além da sala de aula. Eles produzem e apresentam o Programa Adolescentes na Ativa, veiculado todas as quintas-feiras na rádio comunitária São Miguel 98,7 FM com mensagens e discussões sobre tabus da sexualidade, como gravidez, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e pedofilia. Com pouco mais de um ano, o Programa já conta com audiência cativa. Em cada edição, 14 ouvintes participam da transmissão e dão palpites nos temas tratados. “Este retorno é muito gratificante. Incentiva-nos a continuar com as nossas ações e a sempre aperfeiçoá-las”, afirma Marcela Ribeiro, uma das apresentadoras da atração.

Outra experiência de sucesso vem do comitê de Rio Piracicaba, no Vale do Aço. Lá, em apenas um ano e meio de atividades, o Programa atendeu mais de mil pessoas em iniciativas de promoção da saúde, educação, justiça e assistência social. Foram três turmas de formação de educadores, com grupos de referência para o planejamento das ações e visitas de monitoramento em cinco escolas do município. “Em 2011, pretendemos ampliar a realização de oficinas para instituições não escolares, propor parcerias e fortalecer o trabalho feito em rede”, afirma Tatiana Cota, diretora do comitê.

Troca de experiências como essas acontecem durante o Fórum Peas, que reúne representantes dos comitês do programa. Este ano, a terceira edição da iniciativa foi realizada em novembro. “Acredito que levarei para o meu município a alegria de saber que estamos no caminho certo. Trabalhar com o Peas é abraçar uma causa, e o Fórum me deu força para continuar”, valoriza Silvana Rodrigues Nascimento, da Secretaria de Educação de Vespasiano.

AINDA MAIS COLABORATIVA

Rede Sabará prepara-se para virar política pública municipal

ARQUIVO FUNDAÇÃO ARCELORMITTAL BRASIL



Reunião da Rede Colaborativa, que articula esforços para melhorar as condições de vida da população de Sabará

O programa Rede Colaborativa, que reúne esforços do poder público, empresas e entidades do terceiro setor para a melhoria das condições de vida da infância e adolescência de Sabará, está se transformando em política pública. A Fundação ArcelorMittal e a AngloGold Ashanti deixarão de ser gestoras do programa, atribuição que passará a ser da Prefeitura do município, mas a iniciativa privada e o terceiro setor continuarão apoiando a Rede.

A Rede é mais uma iniciativa concebida pela Fundação incorporada por prefeituras e organismos públicos, a exemplo dos programas Ensino de Qualidade (PEQ) e de Educação Afetivo-Sexual (Peas).

O coordenador do Programa pela Fundação, Wellington Calijorne, acredita que o status de política pública dará nova dimensão à iniciativa. “Boa parte dos parceiros e equipamentos vinculados à Rede são públicos, como conselhos e secretarias. Isso permitirá uma atuação ainda mais articulada”, analisa. Com essa nova configuração, a Fundação deixará de aportar recursos financeiros, como os que financiam a consultoria contratada para elaborar a metodologia e ajudar na articulação das ações.

Força de lei

A transição já começou e a expectativa é de que o processo seja concluído até o final de 2011. Segundo a secretária municipal de Desenvolvimento Social, Kelly Cardozo, um projeto de lei será encaminhado à Câmara de Vereadores de Sabará nos próximos meses

com o objetivo de formalizar o processo. “Amparado por uma legislação, o Programa terá continuidade no futuro independentemente das forças políticas que estiverem comandando o município”, afirma a secretária.

De acordo com ela, a Prefeitura decidiu absorver a Rede depois de avaliar os resultados da reestruturação do Programa ocorrida entre os anos de 2008 e 2009. “Até então ele tinha uma atuação muito pontual. Agora, com a definição dos territórios de atuação, existe uma intervenção mais abrangente, contemplando áreas como educação, saúde, cultura e desenvolvimento local”, analisa Kelly Cardozo, que também destaca o fato da Rede, em seu novo formato, buscar envolver a família em suas ações.

Histórico

A Rede Colaborativa de Sabará foi estruturada em 2003 por iniciativa da Fundação ArcelorMittal Brasil, AngloGold Ashanti e Prefeitura. Durante cinco anos, apoiou e incentivou ações sociais numa perspectiva mais pontual. Em 2008, foi reestruturada e passou a atuar sob a lógica de território. Escolheu, então, uma área de alta vulnerabilidade social – o bairro Jardim Castanheiras – e estruturou ali uma série de ações integradas para melhorar as condições de vida da juventude local. O modelo agora está sendo estendido para outra área carente da cidade, o bairro Nossa Senhora de Fátima.

Programas da Fundação em São José do Goiabal beneficiam crianças e adolescentes da rede pública

A Fundação ArcelorMittal Brasil realiza projetos em diversas cidades onde a empresa mantém operações, mas em São José do Goiabal ela conta com uma ajuda especial. “O empenho dos goiabalenses na busca de melhorias para a cidade é admirável. Somos testemunhas desse envolvimento através das ações realizadas no município em parceria com a empresa”, destaca José Roberto Sudário, gerente de área administrativa da ArcelorMittal BioEnergia na Região do Rio Doce.

Em 2010, foram implantados dois novos programas da Fundação no município: o Ver e Viver, que realiza trabalho de detecção de alterações visuais em crianças e adolescentes, e o Ouvir Bem para Aprender Melhor, que cuida das deficiências de acuidade auditiva. Juntos, os dois programas atendem aproximadamente 1500 alunos de cinco escolas diferentes.

Uma das beneficiárias do Ver e Viver é Bianca Ferreira Roque Fidelis, filha do empregado Gilberto Antônio Ferreira, que venceu recentemente a etapa corporativa do Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente na categoria Redação. “O investimento em programas da área de educação aqui em São José do Goiabal tem dado resultados muito positivos”, afirma José Roberto.

Para Izaura Rosália de Oliveira Ferreira, uma das coordenadoras dos projetos que a Fundação desenvolve na região, o trabalho baseado em políticas de responsabilidade social e diálogo constante tem sido o grande diferencial na busca da melhoria na qualidade de vida das pessoas. “Temos conseguido manter um bom relacionamento entre empresa e comunidade, o que nos permite realizar parcerias de forma planejada e estruturada”.

SOLIDARIEDADE QUE DÁ FRUTOS

O Programa Ouvir Bem para Aprender Melhor é um dos seis desenvolvidos em São José do Goiabal



ARQUIVO ARCELORMITTAL BIOENERGIA

A FUNDAÇÃO EM SÃO JOSÉ DO GOIABAL

- . Prêmio ArcelorMittal de Meio Ambiente
- . Cidadãos do Amanhã
- . PEQ – Programa Ensino de Qualidade
- . Ver e Viver
- . Ouvir Bem para Aprender Melhor
- . ArcelorMittal Cultural

>> PERFIL

UM GIRO DE 360°



ARQUIVO PESSOAL

Paulo Henrique: crescimento pessoal e profissional

Paulo Henrique Marques, da ArcelorMittal Tubarão, construiu uma sólida carreira como especialista técnico das áreas de Manutenção Elétrica e Informática. Depois de quase 25 anos, ele deu uma guinada e resolveu investir seu talento em um ramo profissional ainda novo no Brasil: a responsabilidade social.

“Eu já conhecia o trabalho realizado e me encantava com essa possibilidade. Sempre tive vontade”, afirma Paulo Henrique. A chance surgiu há um ano e meio. “Foi uma alteração grande na minha vida. Mudar de repente de atuação foi um desafio e exigiu adaptações, mas valeu muito a pena. Não me arrependo nem um minuto”, diz.

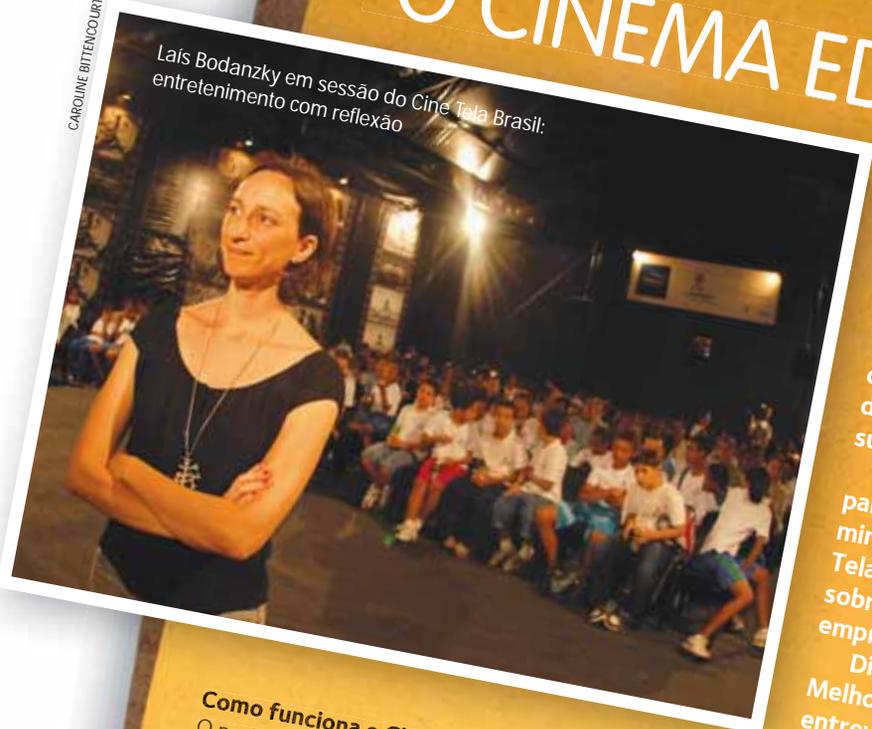
Paulo Henrique passou a trabalhar como gestor dos programas sociais da ArcelorMittal Tubarão e hoje também está envolvido com os programas da Fundação implantados na região: Ver e Viver, Ouvir Bem para Aprender Melhor, Educação em Valores Humanos e Peas.

“O trabalho é muito gratificante. As ações são de mão dupla; ao mesmo tempo em que propiciamos oportunidades às pessoas e beneficiamos quem precisa, recebemos em troca muito carinho e satisfação”, destaca Paulo Henrique, que completa: “Cresci como pessoa e o envolvimento direto com esses trabalhos sociais transformou até a minha família, que também adotou esse sentimento”, finaliza.

"O CINEMA EDUCA"

CAROLINE BITTENCOURT

Laís Bodanzky em sessão do Cine Tela Brasil: entretenimento com reflexão



Uma perua saveiro, um projetor de 16mm, uma tela montável e alguns curtas-metragens brasileiros. Foi com essa estrutura que os cineastas Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi iniciaram, em 1996, um trabalho de popularização do cinema na periferia de São Paulo. A iniciativa, à época denominada Cinema Mambembe, rompeu as fronteiras da capital paulista e se transformou em um dos mais bem-sucedidos projetos de inclusão social pela via da sétima arte. A produtora de Laís, a Buriti Filmes, mantém hoje duas salas para exibição itinerante, o Cine Tela Brasil, oficinas de vídeo ministradas por cine-educadores e, mais recentemente, o Portal Tela Brasil, que oferece, em meio virtual, formação e informação sobre o universo audiovisual para jovens e adultos, com apoio de empresas como a ArcelorMittal.

Diretora dos cultuados filmes *Bicho de Sete Cabeças* e *As Melhores Coisas do Mundo*, Laís Bodanzky destaca, nesta entrevista ao *Nota 10*, as atividades dos projetos, que têm a educação como eixo estruturante.

reduzida de retorno, baseada apenas em compra de produto, sem essa consciência do valor da imagem institucional e da participação na formação do cidadão.

Por que, no Brasil, o cinema ainda parece tão inacessível?

Temos uma democratização do acesso a celular, câmera de vídeo, máquinas fotográficas digitais que filmam e fotografam com qualidade, mas não adianta você ter a tecnologia se não souber o que fazer com ela. Isso é o que falta. Todos têm vontade de contar sua história, mas muitas vezes não sabem como.

Vocês trabalham com a figura dos cine-educadores. Como o cinema pode contribuir para a educação?

Curso de cinema não é simplesmente colocar DVD no aparelho e assistir. Claro que a história é importante, mas sair dos muros da escola e viver a experiência de entrar numa sala escura com outras pessoas provoca emoções e incita a pensar. Isso nós fazemos no Cine Tela Brasil, que tem como público principal o estudante da rede pública. Oferecemos a eles a oportunidade de ter essa experiência individual e rica; de compartilhar sua interpretação e opinião. Em vez de fechar o aluno na escola, você abre as portas para uma informação que não é tão didática, mas que corresponde à vida real. É uma maneira de ajudar o cidadão a ter um olhar crítico e a não se deixar levar por qualquer imagem ou mensagem.

Como funciona o Cine Tela Brasil?

O projeto consiste no cinema itinerante, chamado de "Cine Tela Brasil", em que duas salas de cinema são levadas toda semana à periferia de uma cidade, sempre exibindo filmes brasileiros e as oficinas Tela Brasil, que contam com 40 profissionais, divididos em dois núcleos de educadores. Eles promovem duas edições ao mesmo tempo. Todas as atividades são gratuitas e de livre acesso.

O trabalho começou com o Cine Mambembe em 1996, quando vocês percorriam São Paulo com uma estrutura de exibição muito simples. O que mudou dessa época para cá em relação à divulgação e à inclusão social pelo cinema?

Muita coisa, principalmente no cinema brasileiro, que vive uma realidade de muito melhor. O projeto nasceu com o desejo de levar a produção de curta de boa qualidade para um público que não frequenta festivais. Visitando as periferias, as escolas e depois todo o Brasil, fomos descobrindo o país pelo cinema. Percebemos que uma pessoa, mesmo sem escolaridade e maiores recursos intelectuais, estabelece relações complexas entre um filme e a sua própria vida. O cinema é entretenimento, mas também educação, porque provoca reflexão. Por isso, resolvemos correr atrás de patrocínios. No início foi muito difícil.

Esse panorama melhorou?

Sim. As empresas não entendiam que elas podiam patrocinar um projeto que dialogasse com as classes C e D. Tinham até então uma visão